

Prof. Dr. Marcos Bagno (Universidade de Brasília)

A pesquisa linguística empírica empreendida no Brasil nos últimos cinquenta anos tem permitido acumular um conhecimento cada vez mais amplo e preciso do que é o português brasileiro em suas diversas variedades sociais, com especial destaque para as variedades ditas “cultas”, objeto dos primeiros empreendimentos científicos desta natureza (veja-se o projeto NURC, inaugurado em 1969). Esse conhecimento permitiu, nestas primeiras décadas do século XXI, a produção de obras descritivas que tentam empreender uma síntese (de diferentes perspectivas teóricas) do que se tem descoberto até o momento acerca do português brasileiro em todos os níveis (fonético-fonológico, morfossintático, lexical, pragmático-discursivo), obras de autoria individual, mas também produzidas por grupos de pesquisadores. A influência de todo esse movimento sobre o ensino de língua, no entanto, tem sido escassa quando não francamente nula. Por inércia ou, mais provavelmente, por recusa ideológica diante das mudanças ocorridas e já bem enraizadas na língua, inclusive em suas variedades urbanas de prestígio, os materiais didáticos destinados à educação linguística ainda reproduzem um padrão de língua “correta” extremamente obsoleto, que não corresponde sequer à prática linguística dos escritores consagrados, sempre tidos como “modelos a imitar”. As consequências desse embate entre uma “norma culta” real e uma “norma-padrão” fantasiosa são a insegurança linguística constante dos falantes, sobretudo no momento de produzir textos mais monitorados, insegurança linguística que também é o terreno fértil para as hipercorreções. O minicurso visa abordar essas questões e propor algumas formas alternativas de ensino de língua que levem em conta tanto a tradição normativa quanto as inovações já devidamente incorporadas à atividade linguística dos falantes ditos “cultos”.